



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Da Alfabetização Funcional à Literacia:

notas críticas a partir de um estudo de caso

Filipe Reis^[1]

"O recruta português chega, em regra, ao regimento num estado mental e moral muito próximo da vida vegetativa. É um *homem*? Antropologicamente é. Tem *vida e figura humana*. É um cidadão? Absolutamente não é. Não sabe ler: é portanto uma criatura desarmada para a concorrência vital. Do seu país, das tradições do seu país, das alegrias e dores sofridas em comum numa continuidade histórica de sete séculos, do *porquê* da sua categoria de português, nada sabe. Para ele a pátria é a aldeia, o presbitério, o cura; é uma unidade geográfica de meia dúzia de metros quadrados (*sic*), povoada por meia dúzia de pessoas absolutamente indiferentes a ideias, aspirações, sonhos, cóleras, agonias e júbilos nacionais. Em que se distingue esse homem da terra, do trigo, do milho, da cepa, do escalracho, da grama, da couve? Em falar? Que importa, se nada diz?" (citado dos jornais por Adolfo Coelho; 1993: 253)

"Aterrorador (em caixa alta). Não há outra forma de definir o relatório que hoje será discutido no Conselho Nacional de Educação. Aterrorador pelo que revela acerca de ignorância profunda, de ausência de aptidões mínimas, de incapacidade de viver numa sociedade moderna. Mas aterrorador também pelo que desvela acerca da grande mentira que é o sistema escolar português. Para passar nos testes que serviram de base ao inquérito sobre literacia não se exigia mais do que saber ler um anúncio de uma câmara, perceber o conteúdo de um artigo num jornal, preencher um talão bancário, fazer o troco numa mercearia ou, complexidade das complexidades, avaliar o peso dos juros num empréstimo bancário. Não havia perguntas de ciência, nem de literatura, nem de gramática. Os resultados obtidos foram tão maus que teve de ser criado um escalão zero, um grau de indigência absoluta. Pior: os resultados constituem um violento soco no estômago". (Público, 18/10/95). Em termos antropológicos, a literacia tem permanecido como conceito que "divide as águas", desde o tempo dos evolucionistas, entre Primitivos e Civilizados; águas agitadas, é certo, pela publicação da *Domesticação do Pensamento Selvagem* de Jack Goody, que os seus detractores afirmam ter feito reviver a teoria da Grande Divisão entre formas de pensamento posta em causa por Levi-Strauss. A questão, como se comprova pelas citações que abrem esta comunicação, continua longe de estar resolvida; mas parece que, actualmente, os primitivos pré-lógicos convivem connosco, e são vistos como parte integrante e problemática das nossas sociedades. Atente-se na seguinte definição de analfabetos funcionais proposta num estudo francês sobre o iletrismo de 1986:

"São analfabetos funcionais as pessoas com dificuldades no entendimento dos saberes de base: a faculdade de raciocinar; a faculdade de comunicar; a faculdade de calcular; a faculdade de raciocinar no tempo; a faculdade de raciocinar no espaço" (OCDE; 1992:30).

Esta forma de olhar para os desmunidos de *capital cultural*, não só acentua o carácter dominado e ilegítimo das culturas a que pertencem — aquilo que Grignon e Passeron (1989) designam por *Miserabilismo* — como corre "o risco de repetir no plano teórico a lógica social dos processos de dominação e das relações de dominação que os informam" (Lahire 1993:3). O investigador sobre estas questões, como nos lembra Bourdieu (1982), não pode, pois, deixar de se interrogar sobre a posição que ele próprio, através da sua prática científica, ocupa no interior do sistema social, onde o saber que ele próprio pratica se constitui e reproduz como saber legítimo.

O problema económico que, de acordo com a OCDE (OCDE 1992) a iliteracia constitui, advém fundamentalmente do facto de a reorganização do tecido produtivo — a reconversão empresarial e a adopção de novas tecnologias, no quadro da globalização da economia — exigirem um tipo de mão de obra capacitada para, em curto espaço de tempo, reaprender novas tarefas. É neste quadro de referência que o conceito de funcionalidade ganha sentido e se tornou dominante nas análises. A noção de funcionalidade aplicada à questão da alfabetização pressupõe conceder uma grande

importância ao facto de se adaptar ou se conformar a contextos sociais determinados; cada um destes contextos — por exemplo a empresa, a casa, a comunidade — fixa regras sociais e políticas que são expressão de relações de poder particulares; pedindo às pessoas que se tornem mais

funcionais, encorajam-se, de facto, essas pessoas a se conformarem com uma estrutura estabelecida.^[2] Se bem que o conceito de alfabetização funcional tenha surgido nos anos vinte nos EUA — insistindo, como lembra Rui Ramos (1988), nos aspectos de compreensão dos textos e na produção de certo tipo de documentos e, ao mesmo tempo, passando a exigir de toda a população o domínio de competências que, até então, só se esperavam encontrar nas elites letradas — é particularmente no pós II guerra que passou a ter efeitos nas agendas políticas de muitos países. Para isso contribuiu o reconhecimento, a nível de instâncias internacionais, de que a alfabetização funcional constituía um factor causal do desenvolvimento. Brian Sreet (1984) invoca os estudos que contribuíram para esse reconhecimento: em 1965 Anderson & Bowaman mantinham que a descolagem económica exigia 40% de alfabetizados; anos antes, em 1958, Lerner afirmara que a literacia permite a passagem da mentalidade “tradicional” à “moderna”, caracterizando-se esta pela “empatia”, flexibilidade, capacidade de adaptação e aceitação da mudança. Ainda segundo, o mesmo autor, as sociedades tradicionais pareciam constituir a negação dessas qualidades, e as campanhas de alfabetização a solução para os seus problemas. Como catalizador da transição para a modernidade, a literacia foi suposta ser “funcional”, um termo que, continua Brian Street, sendo suficientemente ambíguo para abraçar interesses políticos de vários governos e departamentos envolvidos nos processos de alfabetização e educação, acabou por se tornar dominante no terreno(veja-se, por exemplo, o caso do estudo de Furter sobre o Irão (1973)).^[3]

No trabalho que temos desenvolvido sobre práticas escolares e usos quotidianos da escrita, temos aderido a um ponto de vista analítico diferente dos até aqui expostos.^[4] Sintetizando esse ponto de vista, pode dizer-se que ele toma de Jack Goody a ideia segundo a qual a literacia ou a escrita é uma tecnologia; e que, de facto, dadas as diferentes experiências de escolarização e as diferentes exigências em termos do mercado de trabalho e da burocracia do estado, é uma tecnologia desigualmente repartida entre a população, facto que dinamiza circuitos de troca, tal como acontece em relação a outras tecnologias e bens desigualmente repartidos. Por outro lado, e de acordo com Brian Street, devemos reconhecer o facto de o uso de uma tecnologia não ser nunca neutral, para mais tratando-se de uma “tecnologia do intelecto”; o que significa que os seus usos e apropriações estão condicionados por relações particulares de poder e pela ideologia. De um ponto de vista metodológico, temos usado o trabalho de campo antropológico: os dados que aqui se trazem resultam de um recenseamento onde, entre outras coisas, inquirimos sobre principais géneros literários lidos e recebidos pelo correio em cada casa da aldeia estudada; através de um conjunto de entrevistas seleccionadas a partir dos dados do recenseamento procurámos aceder e identificar alguns dos significados pessoais e sociais que tais práticas de leitura assumem no contexto em que são praticadas.

O que lêem habitualmente as pessoas da Lapa dos Dinheiros (v. Quadro 1 e 2)?^[5] A partir dos dados de que disponho, recolhidos durante o recenseamento feito casa por casa, é possível dar uma resposta provisória a esta questão. Provisória, na medida em que a questão era dirigida apenas

a publicações de carácter periódico recebidas ou compradas regularmente.^[6] Importa começar por referir que não existe na aldeia nenhum posto de venda de jornais ou revistas. Para adquiri-los é necessário deslocar-se à sede de freguesia ou à sede de concelho. Uma parte destas publicações chegam às casas via postal, o que pressupõe que alguém as assina; é o caso da maior parte das publicações de carácter religioso, as de carácter profissional, bem como a imprensa local. Os dados (v. Quadro 2) mostram que a leitura de jornais (agrupados na categoria Imprensa) é a mais frequente entre a população. Contudo, dentro desta categoria, a subcategoria mais representada é a da imprensa local. São 92 as casas que recebem e assinam o jornal paroquial *Voz de S. Romão*, enquanto que em 12 é lida a *Porta da Estrela*, um trimensário publicado na sede de concelho. No primeiro predominam textos de carácter religioso (o seu director é o pároco da freguesia); ambos incluem sobretudo notícias relacionadas com os acontecimentos locais, cujos protagonistas são pessoas que todos conhecem; são textos profundamente ancorados na vida das pessoas, ligados à experiência vivida em comum, como é o caso dos nascimentos de crianças, baptismo, casamentos, a doença prolongada de alguém, óbitos ou a conclusão de uma licenciatura. São também notícia de destaque as visitas de pessoas ilustres (o bispo, um missionário, um secretário de estado, um político), sendo com frequência reproduzidos excertos dos seus discursos ou homilias. Um outro tipo de textos, frequentemente publicados nestes jornais, escritos por notáveis do lugar ou por estudantes, descreve determinada localidade, a sua importância no contexto local, os seus notáveis, o

1

seu património, etc., seguindo de perto o modelo das monografias locais. As polémicas autárquicas e partidárias, tal como são percebidas localmente, assim como textos reivindicando melhoramentos em infra-estruturas (estradas, caminhos, canais de irrigação, ordenamento do trânsito, etc.), constituem outros temas frequentemente tratados. É de referir que o jornal paroquial *Voz de S. Romão* é recebido mesmo em casas onde nem avós, nem pais sabem ler (18 casos). Nestas circunstâncias o jornal é lido em voz alta, por um/a filho/a ou neto/a; pode ver-se (cf. Quadro nº 2) que no que diz respeito à imprensa, as leituras preferidas pelos habitantes da aldeia centram-se, em primeiro lugar, nas publicações que se reportam ao meio local.

A imprensa nacional e regional atinge 22 das casas; note-se que a maior parte dos leitores deste tipo de publicações provém de grupos domésticos onde há estudantes liceais ou universitários. O mesmo tipo de recorrência acontece nos casos da imprensa sobre Arte e Espectáculos e na imprensa desportiva (das 25 casas onde se compram regularmente jornais deste tipo, 18 têm como moradores estudantes). Neste último caso, contudo, é de salientar que a maioria dos homens tem acesso a jornais como *A Bola* ou o *Record* no café da aldeia e na sede do Grupo Desportivo; a leitura deste tipo de publicações, realizada pelos homens nestes locais públicos, integra-se num tipo de prática de sociabilidade masculina, em que beber e discutir de forma acalorada e ruidosa os acontecimentos futebolísticos (as transferências de jogadores, as declarações dos dirigentes dos clubes, as vitórias, as derrotas, as arbitragens, os golos, as faltas bem ou mal assinaladas, etc.) constituem os elementos centrais. Nestas discussões, que geralmente opõem adeptos de clubes rivais, o jornal, ou melhor “o que diz o jornal”, é frequentemente usado como forma de provar publicamente que se tem razão neste ou naquele juízo sobre um jogador, um árbitro ou um lance. Ler assiduamente a imprensa desportiva constitui uma boa arma para triunfar neste tipo de disputas; este tipo de leitura autoriza e sustenta uma oralidade masculina, nos locais onde essas formas de sociabilidade masculina se produzem por excelência.

Ao contrário da imprensa desportiva, as revistas femininas, assim como boa parte das publicações de carácter religioso, tem como destinatários preferenciais as mulheres. Estas constituem o universo que afirma ler a *Maria*, *Guia*, *Mulher Moderna*, enquanto que as crianças e jovens são os assinantes de revistas como a *Audácia*, e a *Boa Nova* (que estão agrupadas na categoria Publicações de carácter religioso).

No caso das revistas femininas, embora a sua leitura possa ocorrer em locais públicos, como o cabeleireiro ou os consultórios médicos (mas nestes casos as mulheres e raparigas afirmam que “desfolham a revista” enquanto conversam com as vizinhas), é no espaço doméstico que a sua leitura atenta ocorre. Para além de artigos sobre os personagens e os acontecimentos do designado “mundo *jet-set*”, estas revistas têm como atractivos o “correio das leitoras”, ao qual respondem “especialistas” (sexólogos/as, psicólogos/as, astrólogos/as, médicos/as, cartomantes, etc.) que opinam sobre “casos concretos”. O sucesso destas revistas deve muito à possibilidade de as leitoras se identificarem ou, ao contrário, se distanciarem das situações apresentadas. Neste tipo de leituras encontramos, mais uma vez, uma forma de apropriação do texto que passa pela sua ancoragem à experiência vivida; não se trata neste caso de acontecimentos sociais, como aqueles que são notícia na imprensa local, mas experiências, sentimentos, desejos, inquietações, sentidas e vividas a nível pessoal.

As publicações de carácter religioso são passíveis de apropriações do mesmo tipo, mas uma parte significativa dos seus leitores são crianças e jovens (publicações como a *Cruzada*, *Audácia* *Boa Nova*, procuram atingir um público infantil e juvenil); é geralmente por recomendação do pároco ou das catequistas que estas publicações começam a ser assinadas.

Uma outra característica das revistas femininas prende-se com o facto de conterem imensos textos que ensinam a fazer coisas, geralmente tarefas domésticas. São textos que se articulam directamente com esquemas práticos: receitas de cozinha, decoração, “*bricolage*”, e uma infinidade do que vulgarmente é designado por “conselhos úteis” (como tirar nódoas, como pôr as pratas a brilhar, como limpar a madeira, como tratar das plantas, etc.). Este tipo de literatura, ao qual podemos juntar também o que designei por Publicações de carácter profissional, faz da actividade da leitura qualquer coisa que pode depois ser convertida em acção (fazer o bolo, arranjar o sofá, decorar a sala, pendurar o quadro, etc.). Uma parte das pessoas que desempenham tarefas especializadas

(bate-chapas, comerciante, electricista) afirmam comprar publicações sobre as suas profissões. [7]

Finalmente, um último comentário em relação às publicações sobre televisão. Este tipo de revistas, por um lado, contém muitos artigos que descrevem a vida, as preferências, os gostos, as poses, os amores e os desamores das estrelas do ecrã, alimentando e explorando o fascínio das pessoas pelas figuras públicas e pelos artistas; por outro lado, dão informações detalhadas sobre a programação televisiva, com particular destaque para concursos e telenovelas; é assim possível conhecer com antecedência o que vai acontecer ao longo dos episódios da semana, e discutir com a vizinhança o enredo. Tal como o jornal desportivo para os homens, o resumo da telenovela permite percorrer com as vizinhas; mais uma vez encontramos uma forma de apropriar-se da leitura que ganha sentido na medida em que se converte em sociabilidade, em tema de conversa, em

interacção. Nestas situações, os valores éticos e morais são discutidos e lembrados, não pela evocação de mandamentos ou parábolas, mas pelos comentários das atitudes dos heróis e heroínas novelescas. Em síntese, os dados evidenciam um tipo de leitura e apropriação do texto que, naturalmente difere consideravelmente da apropriação académica da cultura escrita, por parte dos intelectuais. A “cultura escrita” é interessante para a mente cultural (usando a expressão de Raul Iturra), na medida em que, em primeiro lugar, autoriza e informa formas específicas de sociabilidade. Em segundo lugar, os textos são apropriados na medida em que, através deles, é possível dar sentido à experiência pessoal e social; o que se lê ganha sentido na medida em que é possível articulá-lo com o vivido. Em terceiro lugar, alguns textos dos géneros preferencialmente consumidos podem articular-se directamente com a prática, porque ensinam a fazer coisas, ou seja, permitem que a apropriação das ideias neles contidas se materialize em esquemas práticos. O texto escrito, na *mente cultural*, não precisa ser sistematicamente inscrito numa corrente de pensamento, numa escola, num percurso teórico, num debate; na *mente cultural*, o texto escrito inscreve-se na corrente do quotidiano, isto é, alimenta a interacção social.

QUADRO Nº 1

PROFISSÕES E OCUPAÇÕES DA POPULAÇÃO DA LAPA DOS DINHEIROS

PROFISSÕES OU OCUPAÇÕES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
ESTUDANTE	69	56	125
REFORMADO/A	56	63	121
OPERÁRIO/A FABRIL	34	35	69
DOMÉSTICA		51	51
EMIGRADO/A	20	2	22
TRABALHADOR DA EDP	16		16
DESEMPREGADO/A	7	6	13
TRAB. DA CONSTRUÇÃO CIVIL	9		9
EMPREGADO/A DE ESCRITÓRIO	3	2	5
SERRALHEIRO	4		4
CARPINTEIRO	3		3
COMERCIANTE	1	2	3
TAXISTA	2		2
CARTEIRO	2		2
MOTORISTA	2		2
VARREDOR DA CÂM. MUNICIPAL	2		2
PASTOR	1		1
BATE-CHAPAS	1		1
GUARDA-REPUBLICANO	1		1
TÉCNICO DE ELECTRÓNICA	1		1
BALCONISTA	1		1
TÉCNICA DE RADIOLOGIA		1	1
AUXILIAR DE DENTISTA	1		1
TELEGRAFISTA	1		1
CONSTRUTOR CIVIL	1		1
CANTONEIRO	1		1
JORNALEIRO	1		1
OPERADOR DA ETAR	1		1
EMPRESÁRIA AGRÍCOLA		1	1
TOTAIS	252	223	475

QUADRO Nº 2

PUBLICAÇÕES LIDAS PELA POPULAÇÃO DA LAPA DOS DINHEIROS*

GÉNEROS	FREQUÊNCIA NO TOTAL DAS CASAS	FREQUÊNCIA NAS CASAS COM ESTUDANTES
IMP. NACIONAL	18	12
IMP. REGIONAL	4	3
IMP. LOCAL	106	54
IMP. DESPORTIVA	25	18
IMP. SOBRE ARTES E ESPECTÁCULOS	1	1
PUBLICAÇÕES SOBRE TV	12	12
PUBLICAÇÕES DE CARÁCTER RELIGIOSO	22	12
PUBLICAÇÕES DE CARÁCTER PROFISSIONAL	18	15
REVISTAS FEMININAS	25	16
REVISTAS DE VENDA POSTAL	8	6
OUTROS	8	6
TOTAL	295	155

*Este quadro está feito com base nas respostas que foram obtidas em cada casa durante o recenseamento da população em 1992. Eu próprio e os 5 estudantes que me ajudaram no recenseamento, perguntámos quais as revistas e jornais habitualmente comprados, recebidos e lidos em cada casa. Na posse destes dados, fui a algumas das casas, privilegiando aquelas onde a variedade de publicações era maior, para apurar quem eram os leitores, em que momentos e locais liam e que significado(s) assumia(m) para eles essas leituras. Pareceu-me pertinente destacar uma coluna que correlacionasse a presença de estudantes e o género de publicações lidas, na medida em que os dados do recenseamento mostram que as casas onde há estudantes (particularmente do secundário, politécnico e universitário) evidenciam maior diversidade de jornais e revistas que fazem objecto de leitura dos seus residentes, com especial destaque para a imprensa nacional, publicações sobre TV e revistas de venda postal.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. (1982) Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques, Paris: Fayard.
- FURTER, P. (1983) A alfabetização funcional: a experiência do Irão, Lisboa: Livros Horizonte (1ªed. 1973)
- GOODY, J. (1988) A Domesticção do Pensamento Selvagem, Lisboa: Presença (1ªed.1977)
- ITURRA, R. (1990) A Construção Social do Insucesso Escolar, Lisboa: Escher.
- LAHIRE, B. (1993) Culture Écrite et Inegalités Scolaires. Sociologie de "l'échec scolaire" à l'école primaire Prses Universitaires de Lyon.
- LEVI-STRAUSS, C. (1962) La Pensée Sauvage, Paris: Plon.
- OCDE (1992) L'Illettrisme des Adultes et les Résultats Économiques, Paris.
- RAMOS, Rui (1993) "O Método dos Pobres: Educação Popular e Alfabetização em Portugal (sec. XIX e XX)", Colóquio Educação e Sociedade, nº2, 41-68.
- STREET, B. (1984) Literacy in Theory and Practice, C.U.P.

[1] Departamento de Antropologia Social do ISCTE Membro da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação.

[2] Trata-se da posição assumida por Susan de Castell, Alan Luke e David Maclennan no seu livro *Literacy, Society and Scolling*, 1986, referida no citado estudo da OCDE

[3] Veja-se, por exemplo, o estudo de 1973 de Pierre Furter sobre o Irão (Furter 1983)

[4] Filipe Reis, *Saberes e Contextos de Aprendizagem. Práticas Escolares e Usos Quotidianos da Escrita*, Provas de Aptidão Científica e Capacidade Pedagógica, ISCTE, 1995.

[5] Trata-se de uma aldeia situada no concelho de Seia, em pleno Parque Natural da Serra da Estrela.

[6] Para dar uma primeira ideia geral das respostas obtidas, apresento de seguida a lista das publicações referidas pelas pessoas (o critério de ordenação é alfabético, seguido de um item classificador que serve para agrupar as publicações em géneros):

Amigo da Verdade (Publicação (Pub.)de carácter religioso)

Audácia (Pub. de carácter religioso)

Automotor (Imprensa (Imp.).. Desportiva)
Banda Desenhada (outros)
Boa Nova (Pub. de carácter religioso)
Bola (A) (Imp. Desportiva)
Boletim Municipal (Imp. Local)
Blitz (Imp. sobre Artes e Espectáculos)
Comércio do Porto (Imp. Regional)
Comércio de Víveres (Pub. de carácter profissional)
Correio da Manhã (Imp. Nacional)
Cruzada (Pub. de carácter religioso)
Diário de Coimbra (Imp. Regional)
Diário de Notícias (Imp. Nacional)
Expresso (Imp. Nacional)
Família Cristã (Pub. de carácter religioso)
Gazeta dos Desportos (Imp. Desportiva)
Grande Reportagem (Imp. Nacional)
(A)Guarda (Pub. de carácter religioso)
(O)Independente (Imp. Nacional)
Guia (Revista. (Rev.) Feminina)
Jornal dos CTT (Pub. de carácter profissional)
Jornal do Fundão (Imp. Regional)
Jornal de Notícias (Imp. Nacional)
Livros sobre Batechapas (Pub. de carácter profissional)
Livros sobre Comércio (Pub. de carácter profissional)
Livros Religiosos (Pub. de carácter religioso)
Maria (Rev. Feminina)
Motojornal (Imp. Desportiva)
Mulher Moderna (Rev. Feminina)
Mundo Rural (Pub. de carácter profissional)
Nova Gente (Rev. de "faits divers")
Porta da Estrela (Imp. Local)
Público (Imp. Nacional)
(La)Redoute (Rev. de Venda Postal)
Record (Imp. Desportiva)
Revista do Círculo de Leitores (Rev. de Venda Postal)
Revista dos Desportos (Imp. Desportiva)
Revista da E.D.P. (Pub. de carácter profissional)
Revista da G.N.R. (Pub. de carácter profissional)
Seleções do Reader's Digest (Outros)
Tele Jogos (Pub. sobre Televisão)
T.V. Guia (Pub. sobre Televisão)
T.V. 7 Dias (Pub. sobre Televisão)
Turbo (Imp. Desportiva)
Voz de S.Romão (Imp. Local)

[7] Curiosamente, uma das mais célebres publicações deste género, associada ao trabalho rural, o *Borda d'Água* não surgiu citado uma única vez no recenseamento; contudo, o *Mundo Rural*, que inclui rubricas deste género, surge 3 vezes.